

Para uma diacronia das orações causais e explicativas do português

Alexandra Fiéis e Maria Lobo

Universidade Nova de Lisboa

Abstract

In this work we will be presenting a study based on the diachronic evolution of reason clauses from Medieval Portuguese to Contemporary European Portuguese. Our aim is threefold: to contribute to a better understanding of the processes of complex sentences formation, of the syntax-semantics interface and of the grammatical and lexical status of functional categories by identifying possible changes that affect sentential connections. We will provide answers for the following questions: 1) how do lexical features of connectives determine the syntactic properties of reason clauses?; 2) are the different syntactic properties of reason clauses related to semantic differences?; 3) is semantic subordination necessarily linked to syntactic subordination?

Keywords: reason clauses, connectives, syntax, semantics, Medieval Portuguese, Contemporary European Portuguese

Palavras-chave: orações explicativas, conectores, sintaxe, semântica, português medieval, português europeu contemporâneo

1. Introdução

Como vários trabalhos têm mostrado, nem todas as orações com valor causal ou explicativo têm o mesmo comportamento sintáctico (cf. Quirk *et al.*, 1985; Piot, 1988; Giusti, 1991; Galán Rodríguez, 1999; Lobo, 2001; entre outros). É objectivo deste trabalho, por um lado, descrever o comportamento de diferentes conectores que introduzem orações causais e explicativas finitas na história do português (tais como *ca*, *porque*, *por que*, *per que*, *pois*, *pois que*, *uma vez que*, *já que*, *visto que*, *des(de) que*, *dado que*) e das orações que eles introduzem, por outro lado, contribuir para a compreensão dos processos sintácticos de formação de frases complexas e para a definição do estatuto lexical e gramatical de palavras funcionais.

Assim, partindo de *corpora* informatizados, a descrição foca os seguintes aspectos: i) posição da oração causal ou explicativa relativamente à oração principal; ii) possibilidade de haver coordenação de orações; iii) possibilidade de a oração estar sob o escopo de partículas de foco ou da negação; iv) possibilidade de ocorrer em estruturas clivadas; v) valor semântico da construção.

Este trabalho tem os seguintes objectivos: 1) descrever as propriedades gramaticais das orações causais e explicativas em diferentes momentos da história da língua

portuguesa; 2) tentar explicar mudanças ocorridas no funcionamento destas orações; 3) relacionar as propriedades gramaticais das orações com a especificação lexical dos conectores que as introduzem; 4) contribuir para a compreensão dos processos sintáticos de formação de frases complexas.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: no ponto 2, fazemos a revisão das diferentes hipóteses de análise dos conectores que introduzem orações causais e explicativas e das propriedades gramaticais destas orações no português contemporâneo (PEC). No ponto 3, descrevemos os conectores que introduzem orações causais e explicativas e as propriedades gramaticais destas orações em estádios anteriores da língua portuguesa e, por fim, no ponto 4, analisamos as mudanças no estatuto gramatical das diferentes orações causais e explicativas e revemos os diferentes processos de formação de frases complexas.

2. Orações causais e explicativas no português contemporâneo: conectores e propriedades gramaticais

Existem, na literatura, várias propostas em que se distinguem as orações causais e explicativas com base no comportamento dos conectores que as introduzem.

Algumas dessas propostas estabelecem distinções semânticas baseadas em diferentes critérios. Assim, distinguem-se geralmente orações causais, em que há uma relação de causa-efeito entre os eventos das duas orações, de orações explicativas, em que teríamos uma justificação da enunciação ou uma justificação de um raciocínio. Alguns autores (cf. Sweetser, 1990; Neves, 1998; Peres e Mascarenhas, 2006) estabelecem uma classificação tripartida, considerando causais de conteúdo, epistémicas, e de acto de fala. Outros trabalhos distinguem ainda a causa dada da causa nova, contrastando orações introduzidas por *como*, por exemplo, com orações introduzidas por *porque* (cf. por exemplo Galán Rodríguez, 1999).

Quanto ao funcionamento sintático, também tem havido diferentes propostas para as orações causais e explicativas (cf. Quirk et al., 1985; Piot, 1988; Giusti, 1991; Galán Rodríguez, 1999; Lobo, 2001; 2003; Matos, 2005; Peres e Mascarenhas, 2006; entre muitos outros). Alguns autores consideram que todas as orações causais e explicativas são subordinadas (cf. Matos, 2004; 2005); outros consideram que algumas dessas orações são coordenadas (cf. Lobo, 2001; 2003) ou paratáticas (cf. Lopes, 2004). Nas estruturas de subordinação, são identificados diferentes subtipos que recebem designações variadas na literatura: “adjuncts” vs. “disjuncts” (cf. Quirk *et al.*, 1985); “adjuntos internos” vs. “adjuntos externos” (cf. Fernández Lagunilla, 1999); “adverbiais de predicado” vs. “adverbiais de frase” (cf. Renzi *et al.*, 1991; Bosque & Demonte, 1999); “subordinadas adverbiais integradas” vs. “subordinadas adverbiais periféricas” (cf. Galán Rodríguez, 1999; Lobo, 2001; 2003; Matos, 2005). Outros autores consideram que alguns tipos de orações explicativas são estruturas com características sintáticas distintas da subordinação, distinguindo as subordinadas – “subordinadas livres internas” – de estruturas a que chamam “de suplementação” (cf. Peres e Mascarenhas, 2006). Matos (2004), por sua vez, considera que alguns tipos de orações causais/explicativas são “subordinadas apositivas”.

As diferentes distinções estabelecidas baseiam-se no comportamento diferenciado de diferentes tipos de orações introduzidas por conectores causais e explicativos.

As diferentes distinções estabelecidas baseiam-se no comportamento diferenciado de diferentes tipos de orações introduzidas por conectores causais e explicativos. No seguinte quadro, resumimos algumas dessas propriedades para as orações do PEC. Por falta de espaço, não incluímos os exemplos que ilustram cada um desses comportamentos.

	1 orações introdu- zidas por <i>como</i>	2 orações introduzidas por <i>uma vez</i> <i>que, já que,</i> <i>visto que,</i> <i>dado que,</i> <i>visto e dado</i>	3 orações introdu- zidas por <i>por e porque</i> causal	4 orações introduzidas por <i>pois</i>	5 orações introduzidas por <i>que e</i> <i>porque</i> explicativo
(i) coordenação	√	√	√	*	+/-
(ii) anteposição	√	√	√	*	*
(iii) posposição	*	√	√	√	√
(iv) focalização	*	*	√	*	*
(v) clivagem	*	*	√	*	*
(vi) escopo da negação	*	*	√	*	*
(vii) resposta a interrogativas- -Qu	*	*	√	*	*
(viii) próclise (orações finitas)	√	√	√	*	+/-
(ix) ênclise	*	*	*	√	+/-

Quadro 1 – conectores causais e explicativos no PEC

Podemos observar que as orações causais e explicativas em PEC não têm todas o mesmo comportamento sintático relativamente a fenómenos como: a) coordenação; b) anteposição; c) posposição; d) focalização; e) clivagem; f) escopo da negação; g) respostas a interrogativas-Qu; h) posição de clíticos (próclise ou ênclise).

Embora nem todos os autores interpretem estes dados da mesma forma, tomamos aqui a impossibilidade de coordenação e de anteposição, bem como a posição dos clíticos em ênclise, como critérios para considerar que a estrutura estabelece uma relação estrutural de coordenação e não de subordinação, na sequência de Lobo (2003). Por sua vez, consideramos que a possibilidade de focalização, clivagem, escopo da negação, e respostas a interrogativas-Qu indica que a estrutura se encontra numa posição integrada e não periférica (cf. Lobo (2003) para argumentos a favor desta análise).

Assim, seguindo Lobo (2003), defendemos que: i) as orações de tipo 1, 2 e 3 são estruturas de subordinação e 4 é estrutura de coordenação (embora de um tipo particular); ii) dentro do grupo das subordinadas, as orações dos tipos 1 e 2 são

adverbiais periféricas, enquanto as de tipo 3 são adverbiais integradas. Apesar de as orações de tipo 4, como observa Matos (2005), se distinguirem das coordenadas típicas por só conectarem orações finitas e por, marginalmente, poderem ser antepostas, consideramos que é possível pensar que se trata de um processo particular de coordenação, que apresenta maiores restrições, e que pode ser encontrado em diferentes línguas e em diferentes estádios de uma língua. As características deste tipo de conexão oracional serão desenvolvidas no ponto 4. As orações de tipo 5 têm comportamentos mais instáveis, o que parece indicar que o seu estatuto sintáctico é menos categórico, podendo funcionar ora como estruturas de coordenação, ora como estruturas de subordinação.

No ponto seguinte, descreveremos o comportamento das orações causais e explicativas atestadas em estádios mais antigos do português.

3. Orações causais e explicativas no português antigo e no português clássico: conectores e propriedades gramaticais

O facto de orações introduzidas por diferentes conectores causais e explicativos manifestarem diferentes comportamentos sintácticos em estádios anteriores da língua já havia sido observado por Mattos e Silva (1989, 1994, 2006).

Nesta secção, iremos considerar de forma sistemática diferentes propriedades de orações causais e explicativas em estádios anteriores da língua com base nos seguintes *corpora* informatizados¹:

– *Corpus* Informatizado do Português Medieval [CIPM] (textos do séc. 12 a 15): <http://cipm.fesh.unl.pt>

– *Corpus* Histórico do Português Tycho-Brahe [TB] (textos do séc. 16 a 19): <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/>

3.1. Português Medieval

Na análise dos dados do CIPM² (sécs. 13-15), considerámos os seguintes conectores: *pois*, *pois que*, *porque* (*por que*), *ca*, *posto que*³. Alguns desses conectores, para além do valor causal e explicativo, podem ter outros valores que referiremos quando oportuno. Procurámos identificar o funcionamento sintáctico de cada um dos conectores, considerando os seguintes fenómenos: i) posicionamento da oração (anteposta/posposta); ii) coordenação de orações; iii) co-ocorrência do conector com conjunção de coordenação; iv) escopo de negação; v) ocorrência em contextos de focalização. Nos pontos abaixo, consideramos cada um dos conectores, identificando os fenómenos encontrados para cada um deles. A não indicação de um fenómeno indica que esses dados não foram encontrados no *corpus*.

¹ Foram considerados apenas os textos em prosa.

² Não foram analisadas ocorrências de *como* nem de *que*.

³ Não se encontraram ocorrências de *dado que*, *uma vez que*, *já que* com valor causal ou explicativo

3.1.1. *Pois*

Nos textos antigos, *pois*, para além de poder funcionar como conector explicativo, pode corresponder também: i) a um advérbio temporal, como em (1); ii) a um advérbio conectivo, como em (2); e a uma conjunção temporal, como em (3):

(1) Custume he que se alguẽ deuer algu~a cousa & o leixo en sa u(er)dade q(ue) **pois** nõ possa dar enq(ui)sas sobr'el poys jurar. [1340-1360 CS2]

(2) E el rey gradeceulho muyto e disse: – **Pois**, Lourenço, que me cõselhas que faça? [séc. 14 CGE]

(3) Todo home~ q(ue) achare~ en dano de fruyta alhea. **pois** o degredo for posto peite #v s(o)l(dos). & pregue~no na porta. [1340-1360 CS2]

Quando corresponde a uma conjunção explicativa, verificamos que a oração que introduz admite a coordenação (cf. (4)), a anteposição (cf. (5)), a posposição (cf. (6)), e que é possível a co-ocorrência com uma conjunção de coordenação (cf. (7)):

(4) Ai, dom Galvam! disse Palamades, tal torto e tal vilania nom faredes vós, **pois** vos nom merici morte e **pois** som vosso irmão da Távola Redonda. [séc.15 DSG]

(5) Outrossi pediu que **pois** o dito scudeiro nõ pagaua o dito trebuta ao dito Monsteiro que lhj abrisse mão das ssas herdades [1339 DN091]

(6) Ricos e poderosos fariam engano e malicia conprando muytas herdades e guados **pois** sabiam e eram çertos que por muytas herdades e guados que ouuessem nom pagariam a a mjm nem a meus ssuscessores senom tres libras cada hu~u segundo suso dicto he pela qual Razom se poderia despobrar essa terra, e poderiam Receber agrauamento os pobres. [1340-1344 CDA3-295]

(7) a. verdade, disse elle, nem Deus nunca quisesse que eu tall cousa dissesse de vós; **mas pois** vós dizees que vollo elle disse, a verdade he que eu lho ouvi dizer a ell, estando presentes o conde dom Joham Affonso vosso tio e outros [séc.15 CDF]

b. sei, disse el, que meu padre e meus irmãos foram melhores cavaleiros ca ele; e **pois** melhores cavaleiros eram, como os podia matar? [séc.15 DSG]

3.1.2. *Pois que*

A locução *pois que*, para além do valor causal/explicativo, pode ter um valor temporal, como em (8):

(8) **Pois que** esto ouve dicto el rey dom Paayo, meteusse dentro enna cova con aquelles que com elle estavã, muyto spantados por que tam grande hoste viron jazer sobre si. [séc. 14 CGE]

Quando tem um valor causal/explicativo, verificamos que admite a coordenação (cf. (9)), a anteposição (cf. (10)), a posposição (cf. (11)), e pode co-ocorrer com uma conjunção de coordenação (cf. (12)):

(9) Que monta ao mercador quanto jaz e~na arca e quanto jaz e~nas loyas. **pois que** elle tem mentes pera gaanhar o alheo e **pois que** elle nõ faz conta do que tem gaanhado mas do que a de gaanhar. [séc.15 OE]

- (10) Ca **poys q(ue)** ygaes su~ en grao, ygaes son na partiçõ. [1280? FR]
 (11) ca nõ é razõ d(e) seer se~ culpa, **poys que** as cousas q(ue) ten en encome~da ardou peyor ca as suas. [1280? FR]
 (12) **Mas pois que** o vós assi dizees, eu averei a guerra todavia, e Deus me dará conselheiro maneira como a possa fazer e acabar com minha honrra. [séc.15 CDF]

3.1.3. *Posto que*

A locução *posto que*, para além do valor causal/explicativo, pode ter valor condicional, como em (13), em que o verbo da subordinada está no conjuntivo:

- (13) E outrosy se seguiriam outras cousas desconvenientes e desaguisadas, das quaes falamos em no começo da prova da encarnaçom, porem convem || quy Deus quisesse e amase a encarnaçom, pois quy a entendia e sabiia e podia fazer, ainda **posto quy** Adam nom peçase, mais nom morera se Adam nom peçara, como quer quy ouvesse tomada carne pellas razões susoditas. [séc.14 CI]

Quando tem valor explicativo, geralmente com o indicativo, admite a anteposição (cf. (14)), bem como a posposição (cf. (15)):

- (14) Ca **posto que** os nos(os) padres comer(om) a magna e~ no des(er)to non entrar(om) a t(e)r(r)a da p(ro)misom mais o que te comer na tua forteleza yrá ataa ho môte de Deos e de Oreb. [séc. 13/14 VS4]
 (15) E daqui vinha que ia nõ sentia fame porque estaua abastado do Sñor Iesu X^o comia porem dando graças a Deus, **posto que** nõ o dezeio de comer mas a humana necessidade o trazia a isso nunca porem antes da ligitima hora. [séc.15 VST]

3.1.4. *Porque*

As orações introduzidas pela conjunção *porque*, com valor causal/explicativo⁴, admitem a coordenação (cf. (16)), a anteposição (cf. (17)), a posposição (cf. (18)), podem estar sob o escopo da negação (negação contrastiva) (cf. (19)), admitem a focalização com *ser* (cf. (20)), e é possível a co-ocorrência de *porque* e uma conjunção de coordenação (cf. (21)):

- (16) E **porque** este ha as paixões que lhe forom dadas en pena do pecado, como fame, sede e cansaço, e, **porque** o corpo cansa, forçado he que o entendimento canse, pois que stá no corpo. [séc.14 LM]
 (17) Et **porq(ue)** acharõ esses h(er)dam(en)t(os) enbargad(os) do pan q(ue) en el(e)s iazia, rrespasarõ este t(er)myno desta p(ar)tiçõ ata a nouydade alçada do millo & da magoyra & essa nouidade alçada das h(er)dad(e)s, q(ue) entõ fossen p(ar)tir esses casaes & h(er)dam(en)t(os) & chãtad(os) segu~do sse en(n)ja d(i)ta s(ente)nça (con)te~. [1316 HGP124]

⁴ Nos exemplos considerados, o conector *porque* tem valor realmente causal, pois estabelece uma relação de causa/efeito entre os eventos das duas orações.

(18) E Galaaz pôs Melias em seu cavalo e depois foi-se depós ele e levou-o a u~a casa de ordem que estava em u~u~ vale que era cercada de cárcava e de pedra **porque** havia[m] medo dos ladrões, que havia muitos na foresta [séc.15 DSG]

(19) **Nom porque** D(eu)s partysse o entemdimemto mais com elles que com os outros home~s, **sooemente porque** são gemtes de pouca viamda & que hos mais delles não husam vinho, trazem os e~te~dim(em)tos mais puros & mais despostos que os outros que se rregem pello comtrairo, & por ello ham rrezão de melhor conheçer as cousas do que fariam se doutra guisa husasse~. [séc.15 ZPM]

(20) S(enh)or, – disse o comde – a my~ praz dello m(ui)to, somemte – disse elle – vos compre ser avisado no prosseguyme~to deste feito, caa sões home~ mamçeebo & que nõ aves pratyca destes home~s, a quall he gemte em que há muitas arteyrices & sagaçezas na guerra. & se ho todos tem por naçam, **he porque todos deçemde~daq(ue)la amtiga llynhage~ dos numidanos**, ca foy gemte arteira & sagaz, & como ja leeriais nas estorias dos rromãos, que devem fazer aquestes que o tamto pratyçã, ora comnosco, ora amtre sy mesmos. [séc.15 ZPM]

(21) **Mas porque** as vomtades dos home~s sam desvairadas, e naom se comcordam asy de ligeiro, foy necesairo a ordem de juizo amtre elles, por o juiz aver de declarar quoa das partes tem rezão, posto que seja comtra vomtade de hu~a dellas e aja de esperar semtemça. [séc.15 CDJ1²]

3.1.5. Ca

No PM, *ca* para além de funcionar como conjunção explicativa, pode funcionar como comparativo (cf. (22)), ou como complementador, introduzindo orações completivas (cf. (23)):

(22) *ca mais quer seguir a virtude ca se vencer a elle* como faz a mayor parte delles. [1437/1438 LC]

(23) E temia **ca** havia em ele mui grande sabor por que era santa cousa e santa creatura. [séc. 15 DSG]

As orações explicativas introduzidas por *ca* ocorrem pospostas à oração que modificam, como em (24) e (25):

(24) Outrosy se quis(er) demãdar o fiador, possao faz(er), **ca** poys ambos lhy son teudos, en seu poder é que demand(e) qual q(ui)s(er) [1280? FR]

(25) **Ca** diz a Sancta Escriptura que nõ é huu mayor enmigo ca aquel que dana a boa fama do outro. [1280? FR]

3.1.6. Conclusões

No quadro 2, resumimos as propriedades sintácticas das orações introduzidas por conectores causais e explicativos em PM.

	1 orações introduzidas por <i>pois</i> , <i>pois que</i> , <i>posto que</i>	2 orações introduzidas por <i>por</i> e <i>porque</i>	3 orações introduzidas por <i>ca</i>
a) coordenação	√	√	#
b) anteposição	√	√	#
c) posposição	√	√	√
d) focalização	#	√	#
e) escopo da negação	#	√	#
f) co-ocorrência com conjunção de coordenação	√	√	#

Quadro 2 – conectores causais e explicativos no PM

Da análise dos exemplos e da observação do quadro podemos concluir que:

i) as orações introduzidas por *porque* podem funcionar como orações subordinadas adverbiais integradas: permitem a coordenação, a focalização com *ser*, o escopo da negação, podem ser antepostas e pospostas;

ii) as orações introduzidas por *pois que*, *pois* e *posto que* parecem funcionar como orações subordinadas adverbiais periféricas: permitem a coordenação e a anteposição, mas, com estas orações, não foram encontradas estruturas de focalização com *ser*, nem estruturas que estejam sob o escopo da negação ou de operadores de foco. Para além disso, parecem estar associadas a valores explicativos;

iii) as orações introduzidas por *ca* parecem ter um funcionamento diferente das restantes: têm propriedades mais próximas da parataxe, tal como defendido já por Mattos e Silva (1989, 2006), uma vez que nunca precedem a oração que modificam e não ocorrem coordenadas (excepto quando *ca* corresponde à conjunção integrante).

3.2. Português Clássico

Observemos agora o comportamento dos mesmos conectores nos dados do PCI (sécs. 16-19).

3.2.1. *Porque*

Nos textos do PCI, as orações introduzidas pela conjunção *porque* admitem a coordenação (cf. (26)), a anteposição (cf. (27)), a posposição (cf. (28)), a focalização com *ser* (cf. (29)), podem estar sob o escopo da negação (negação contrastiva) (cf. (30)), e pode haver co-ocorrência de *porque* com uma conjunção de coordenação (cf. (31)):

(26) Que pelo pecado mortal não se perde esta imagem, ainda que se deslustra ou afeia; não se perde, porque, como dissemos, funda-se na natureza, mas deslustra-se, **porque** perde a renovação e realce singular que lhe dava a graça, que era outra participação da divina natureza, e **porque** as potências e actos da alma (em que

consistia também a dita razão de imagem), empregando-se no pecado, buscam o não ser, pois o ser do pecado é nada e, por conseguinte, alongam-se de Deus, que é o mesmo ser. (1644, Manuel Bernardes, *Nova Floresta*)

(27) *E porque fé sem obras não basta para a salvação, por isso também aquellas a que faltou o óleo, ficaram fóra do céu, e só entraram as que levavam prevenido.* (1608, Vieira, *Sermões*)

(28) e assim entendo que se deve intentar a paz ou continuação da trégua por qualquer caminho, *porque não estamos em tempo de romper uma guerra, (...)* (1608, Vieira, *Cartas*)

(29) Se o Leão se desvanece, é **porque** tem a força, e não **porque** tem o sangue de Leão (1705, Matias Aires, Reflexões sobre a Vaidade dos Homens)

(30) Na passada falei dos versos; nesta só digo que a prosa é ainda melhor, **não porque** o possa ser, **mas porque** a li depois (1608, Vieira, *Cartas*)

(31) **mas porque** o dia é de desenganos, e o auditorio presente tão diverso, não cuidem nem se persuadam os que me ouvem, que esta regra é geral para todos, posto que sejam ou se chamem catholicos. (1608, Vieira, *Sermões*)

3.2.2. Pois que

As orações introduzidas pela locução *pois que* podem ocorrer antepostas, como em (32), ou pospostas, como em (33):

(32) **Pois que** não há coisa que pareça difícil quando para ela concorre a vontade, não temos mais do que acomodar a nossa com a necessidade que a pede, e logo acharemos suavidade nos mesmos trabalhos. (1702, Cavaleiro de Oliveira, *Cartas*)

(33) O P. Jerónimo Oleastro, Dominicano Lisboense, que cuidou se chamasse Jerónimo da Zambuja, compôs um comentário hebraico ao Pentateuco, e cuidou que a outros livros mais, se não me engano, **pois que** haverá anos que vi esta obra. (1713, Verney, *Verdadeiro Método de Estudar*)

3.2.3. Pois

Encontram-se orações introduzidas pelo conector explicativo *pois* antepostas apenas até ao fim do século 17, como em (34):

(34) e **pois** V. Ex.a neste me pede parecer sobre a quantidade de dinheiro e navios que se deve dar a França cada ano, fazendo nós a liga, direi o que meu pobre discurso alcança, com a clareza e sinceridade que devo ao serviço de S. M., e à confiança e mercê com que V. Ex.a me trata. (1608, Vieira, *Cartas*)

Estas orações encontram-se geralmente pospostas, como em (35):

(35) Não há senão apelar para as monções de Março, em que, segundo aqui vejo, cuidou que poderei ir esperar por V. Ex.a, **pois** sei que V. Ex.a não há-de esperar por ninguém (1608, Vieira, *Cartas*)

3.2.4. *Dado que, posto que, já que, des(de) que, uma vez que*

Relativamente às locuções *dado que, posto que, já que, des(de) que e uma vez que*, datam do período do PCI os primeiros exemplos em que introduzem orações com valor causal ou explicativo. Nos textos mais antigos, encontra-se apenas o valor temporal (cf. (36)), ou condicional, para *dado que* e *posto que* seguidos de conjuntivo (cf. (37)):

(36) a. Onde [a]veeo assy **hu~a vez que** os mouros e~no inverno veheron sobre Pampollona. [séc.14 CGE]

b. E esto deue a sseer **des que** ouuer feyta peende~ça [1350 ca PP]

c. E, porque este bem trazer am filhado os homes deste reyno en muytas maneiras, ca dizem alguns, por bem trazer, trazer-se muy ricamente, e outros trazer-se muy louçaãos, e estes dizeres, ainda que ditos sejam, pero non he todo hum, ca, posto que o home se traza loução, non se traz por isso bem e, posto que se traza bem, non he por isso loução e, **ja que** se traza ricamente, non leixará de se non trazer bem e loução. [séc.14 LM]

(37) a. E que elles todos, nenhu~ desvairamdo, sumariamente, sem outra figura de juizo ora fosem os Reis e seus procuradores presentes, ou **dado que** o nam fosem podeessem comcordar e detriminar os malles e os dapnnos e roubos que hu~ ey ao outro era theudo e os fazer amiguos como quisesem e por bem tivesem. [séc.15 CDJF²]

b. Haviam sido feitas de modo e feitio pouco vulgar, mas muito honestas, **posto que** não antipatisassem com Cupido. (1826, Camilo, *Maria Moisés*)

Nos textos do PCI, aparecem ocorrências com valor causal/explicativo:

(38) a. **já que** por meus amigos nam pôsso fazer táes obras, ouvir-lhe[s]-ei más palávras quando ás quisér dizer em vitupério d'outrem? (1497, Barros, *Gramática*)

b. Fazia figura de homem, e para fazer bem a figura, **uma vez que** lhe perguntaram: Vós quem sois? não havia de dizer o que era, havia de dizer o que não era; e assim o fez: porque não ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que são, dizerem uma coisa e serem outra. (1608, Vieira, *Sermões*)

c. E os Latinos e Gregos sentém milhór o tempo das sílabas por cáusa do vérsdo do que ô nós sintimos nas tróvas: porque cási máis espéra a nóssa orelha o consoante que a cantidáde, **dádo que** a tem. (1497, Barros, *Gramática*)

d. **Desde que** além de fracos, além de pequenos e insignificantes, temos de acabar como pulhas, o melhor é meter-se cada qual na sua concha, onde ao menos se pode sentir a consciência do isolamento honesto. (1845, Eça de Queirós, *Correspondência*)

e. Folguei de ver aquele ridente aspeito em que reluzem uns olhos sagazes, **posto que** já desvidrados pelo puir dos setenta anos. (1826, Camilo, *Maria Moisés*)

3.2.5. *Ca*

A conjunção explicativa *ca* desaparece durante o século 16, como, aliás, é notado no excerto de (40):

(39) A formaçám dos nomes no plurár da primeira declinaçám é cousa mui fácil, *ca nam tem máis que acreçentár-lhe ésta lêtera s*, como óra vimos em o nome rainha que declinámos. (1497, Barros, *Gramática*)

(40) pois, como já disse, êsse só é fundamento e razão das palavras: e assim não diremos leixou, trouxe, dixeu, ca, sicaís, acram, leídisse, e outros vocábulos de que usaram autores gravíssimos, de cujos escritos podemos aprender a perfeição da linguagem Portuguesa. (1579 (data do texto 1619), Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*).

4. O que mudou e como mudou?

Da análise dos dados, podemos concluir que:

- i) alguns conectores mantêm o seu estatuto gramatical, como por exemplo *porque*;
- ii) alguns conectores desaparecem: as orações introduzidas por *ca* desaparecem dos textos escritos durante o século 16; as orações introduzidas por *pois que* e *posto que*, embora sobrevivam em registos literários até ao século 20, deixam de ser produtivas;
- iii) alguns conectores mudam de estatuto gramatical, como por exemplo *pois*, uma vez que as orações que introduz, que podiam ocorrer antes da oração principal, passam a ocorrer apenas em posição final, a partir de finais do século 17;
- iv) surgem os conectores *já que*, *uma vez que* e *dado que* associados a valores causais/explicativos a partir do século 16.

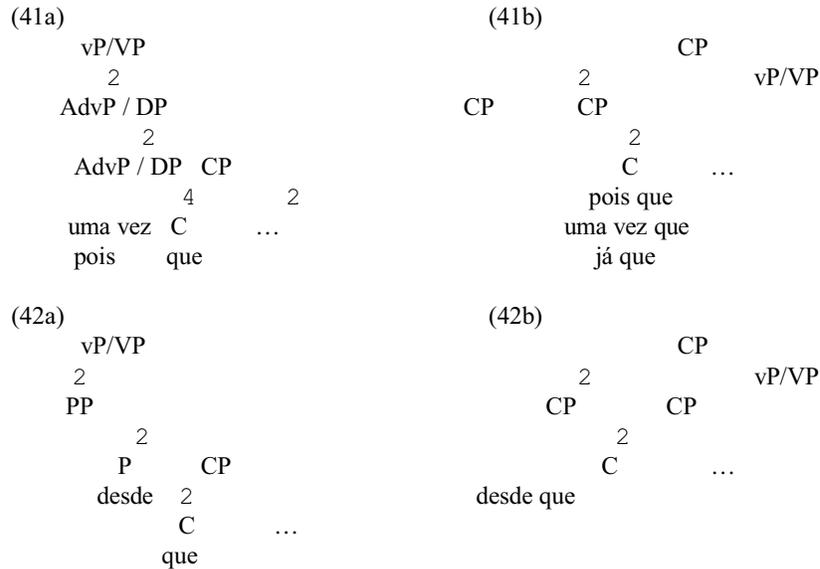
4.1. De adverbial integrada para adverbial periférica

As mudanças observadas no comportamento dos conectores *já que*, *uma vez que*, *des(de) que* e *pois que* poderão ser explicadas se assumirmos que cada conector está especificado quanto a traços semântico-discursivos, que condicionam o funcionamento sintático da oração e o lugar em que é feita a adjunção.

Assim, propomos que alguns conectores estão especificados positivamente quanto a um traço [giveness] – *ca*, *posto que*, *pois*, *pois que*, *uma vez que*, *já que*, *dado que*, *como*; enquanto outros conectores estão subespecificados – *porque*. Estes traços semânticos irão condicionar o lugar da conexão: à proposição globalmente (CP ou IP) ou à projecção que denota o evento (uma projecção do domínio verbal), o que implica que só conectores adjuntos ao domínio verbal possam estar sob o escopo da negação e de operadores de foco. Assim, quando um conector muda o seu valor de temporal para explicativo, adquirirá um traço semântico [giveness], correspondendo a uma causa pressuposta. Consequentemente, a oração deixará de funcionar como adverbial integrada, adjunta ao domínio verbal, para passar a funcionar como adverbial periférica, adjunta a IP/CP. Um conector que seja subespecificado, como *porque*, poderá ser interpretado como + ou – [giveness], consoante a posição estrutural que a oração ocupa, externa ou interna ao domínio proposicional e a diferente relação que se estabelece com o domínio funcional flexional.

Nas expressões *já que*, *uma vez que*, *des(de) que* e *pois que*, as categorias adverbiais ou preposicionais *já*, *uma vez*, *des(de)* e *pois* têm originalmente valor

temporal (cf. *já que*, *uma vez que*, *des(de) que* e *pois (que)* com valor temporal nos textos antigos). Dá-se progressivamente um processo de reanálise destas expressões, em que *já*, *uma vez*, *des(de)* e *pois* deixam de projectar lexicalmente (cf. (41a) e (42a)), e passam a ser interpretados como parte integrante de uma conjunção complexa associando-se a *que* em C (cf. (41b) e (42b)). A conjunção complexa, ao contrário dos itens lexicais isolados, está especificada com um valor explicativo, adquirindo um traço [giveness], possivelmente explicável pelo facto de ter origem numa expressão temporal.



Consideramos ainda não haver razão para considerar que as explicativas pertencem a um grupo de estruturas de “suplementação” (conexão não proposicional), contrariamente ao que defendem Peres e Mascarenhas (2006), uma vez que as estruturas explicativas que integramos nas “subordinadas adverbiais periféricas” ocorrem claramente em posições internas à oração, podendo inclusivamente ocorrer antepostas em orações encaixadas, como exemplificado em (43), para o PM, e (44), para o PEC:

(43) a. Naamam foyse muyto toste pera sua casa com sua cabeça cuberta chorando e disseramlhe seus amigos que *pois Mordocheo era da linhagem dos judeus* que comvinha que fosse abatido delle. [séc.15 LHB]

b. e contoulhe todo o que lhe o iffante per vezes mandara dizer, e todo o que sse até ali passara em aquell feito, dizendo que lhe dissesse da sua parte que *pois que a tanto amava de pallavra*, que o possesse assi em obra [séc.15 CDF]

(44) O Rui disse que, *uma vez que estava a chover*, não ia ao cinema.

4.2. De subordinador para coordenador

Uma segunda mudança ocorrida nos conectores que consideramos consiste nas alterações de funcionamento sintáctico do conector *pois* explicativo. De conjunção de subordinação (veja-se a possibilidade de a oração ser anteposta e ser coordenada) passa a funcionar como uma conjunção que introduz orações que não podem ser antepostas, nem coordenadas, tal como acontecia com as orações introduzidas por *ca* no PM. Julgamos que isto pode ser explicado se o conector for reanalisado como externo à proposição que conecta, como é característico das conjunções de coordenação.

Veja-se que a reanálise do estatuto do conector e da configuração em que ele ocorre não é estranha, uma vez que, de acordo com algumas hipóteses sobre as estruturas de coordenação, a configuração da coordenação é bastante próxima da configuração de adjunção (cf. Matos, 1994; 2005; Munn, 1993).



Na análise de Munn (1993), a conjunção de coordenação forma um constituinte com o segundo termo coordenado e projecta uma categoria idêntica à desse complemento – BoolP=Y. Este constituinte, BoolP, adjunge-se ao primeiro termo coordenado. Na análise de Matos (1994), “Conj selecciona dois termos – um complemento e um especificador, aos quais, dada a sua natureza funcional, não atribui relação temática”; “Conj não impõe qualquer restrição categorial aos termos que selecciona (DPs, PPs, CPs, IPs, etc)”⁵; e “Conj é um núcleo categorialmente deficitário e transparente, que herda a natureza categorial do seu complemento”⁵.

Com base nestas análises, *ca* e *pois* não apresentam o comportamento característico das conjunções de coordenação canónicas, uma vez que não são deficitários e transparentes, isto é, não articulam constituintes não frásicos, só conectam orações finitas, não associam orações subordinadas e não admitem elipse lacunar (cf. Matos, 2004). No entanto, esse diferente comportamento poderá ser explicado se assumirmos que existem conjunções coordenativas que são selectivas quanto à categoria que conectam. Esta ideia é defendida já em Colaço (2005), que propõe que algumas conjunções de coordenação, como *com* e *mais*, podem ser selectivas quanto às categorias que coordenam, mantendo algumas das propriedades da categoria original, preposição e advérbio, respectivamente.

⁵ Esta análise é revista em trabalhos posteriores, nos quais a autora defende que Conj herda a natureza categorial do seu especificador (cf. Matos, 2000; 2005).

5. Conclusões

A análise do funcionamento sintáctico das orações causais e explicativas na história do português permitiu-nos mostrar que existe uma certa independência entre sintaxe e semântica e chegar às seguintes conclusões gerais:

i) o funcionamento sintáctico das orações causais e explicativas pode ser atribuído à especificação lexical dos conectores que as introduzem através de traços de selecção sintáctica e de traços semânticos e discursivos;

ii) um mesmo tipo semântico (explicativo) pode estar associado a diferentes configurações sintácticas;

iii) apesar de haver configurações preferenciais para certos tipos semânticos, pode haver mudança sintáctica – de subordinador para coordenador – sem haver mudança semântica (cf. *pois*);

iv) a mudança semântica pode também estar associada a uma mudança sintáctica, como acontece com *já que*, *uma vez que*, *desde que*, *pois que*, *que*, ao adquirirem um valor explicativo, mudam o seu estatuto sintáctico de introdutores de orações adverbiais integradas para introdutores de orações adverbiais periféricas.

Referências

- Colaço, M. (2005) *Configurações de coordenação aditiva: tipologia, concordância e extracção*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Galán Rodríguez, C. (1999) La subordinación causal y final. In I. Bosque & V. Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, vol 3, cap. 56.
- Giusti, G. (1991) Le frasi causali. In L. Renzi & G. Salvi (orgs.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Bologna: il Mulino, cap. XIII 2.2.
- Lobo, M. (2001) Para uma sintaxe das orações causais do português. *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*, pp. 291-306.
- Lobo, M. (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Adverbiais do Português*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Lopes, H. C. (2004) *Aspectos Sintácticos, Semânticos e Pragmáticos das Construções Causais. Contributo para uma Reflexão sobre o Ensino da Gramática*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Matos, G. (1994) Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe: algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 301-315.
- Matos, G. (2000) Across-the-Board clitic placement in Romance languages. *Probus* 12, pp. 229-259.
- Matos, G. (2004) Coordenação Frásica vs. Subordinação Adverbial. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 555-567.
- Matos, G. (2005) Coordination vs. subordination adverbiale – propositions causales en portugais. *Actas do Colóquio Typologie et modélisation de la coordination et de la*

- subordination* (disponível em: <http://www.cavi.univ-paris3.fr/ilpga/colloque-coord-subord-2005/pre-textes/Matos.pdf>).
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2006) *O Português Arcaico. Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Ed. Contexto.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1994) *O Português Arcaico. Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Ed. Contexto.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989) *Estruturas Trecentistas. Para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Neves, M. H. de Moura (1998) Uma versão integrada das construções complexas de causalidade. *Actas do XIII Encontro Nacional da APL* vol. 2, pp. 143-154.
- Munn, A. (1993) *Topics in the Syntax and Semantics of Coordinate Structures*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Maryland.
- Peres, J. e S. Mascarenhas (2006) Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 5 (1), pp. 113-169.
- Piot, M. (1988) Coordination-Subordination. Une définition générale. *Langue Française* 77.
- Quirk et al. (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London/New York: Longman.
- Sweetser, E. E. (1990) *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.